



História, Relatos, Representações

A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA PARA ALÉM DA VIRADA LINGUÍSTICA: AS CONTRIBUIÇÕES DE FRANK ANKERSMIT

The historical representation beyond the linguistic turn: Frank Ankersmit contributions.

La representación histórica más allá del giro lingüístico: las contribuciones de Frank Ankersmit.

Beatriz Anselmo Olinto¹

1. Programa de Pós-Graduação em História - UNICENTRO

OLINTO. B. A. A representação histórica para além da virada linguística: as contribuições de Frank Ankersmit. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 02, Mai-Ago. p. 153-158, 2012.

Resumo

Frank Ankersmit é hoje uma das principais referências na reflexão sobre a escrita da história e suas especificidades. O autor vem discutindo as características do texto histórico e suas relações com a realidade, compreendendo-o como uma representação, para isso, lançou mão de um amplo debate com a filosofia da linguagem, caminho mais frutífero para a compreensão da escrita da história do que a teoria literária, já que a história é narrativa, mas não somente isso.

Palavras-chave

Escrita da história, representação, virada linguística.

Abstract

Frank Ankersmit is today one of the main references in the thinking about the writing of history and its specificities. The author has been discussing the characteristics of the historical text and its relations with reality, understanding it as a representation. For that, he has started a broad debate with the philosophy of language, a more fruitful path for the understanding of the writing of history than the literary theory, since History is a narrative, but not only that.

Keywords

Writing of history, representation, linguistic turn.

Resúmen

Frank Ankersmit es hoy una de las principales referencias en la reflexión sobre la escritura de la historia y sus especificidades. El autor ha analizado las características del texto y sus relaciones históricas con la realidad, entendiéndola como una representación de que partimos de una amplia discusión con la filosofía del lenguaje, más fructífero para la comprensión de la escritura de la historia de la teoría literaria, ya que la historia es narrativa, pero, no sólo esto.

Palabras clave

La escritura de la historia, representación, giro lingüístico.

ANKERSMIT, F. R. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2012.

A representação é um preparado mais forte que a verdade. A representação contém a verdade - pense nas afirmações contidas por uma representação histórica -, não está contra, mas além da verdade. (ANKERSMIT, F.R. A escrita da história: natureza da representação histórica, p.110)

Um autor que escreve tal definição é um desafio para uma apresentação sucinta. Frank Ankersmit é hoje uma das principais referências na reflexão sobre a escrita da história e suas especificidades. Desde a defesa de sua tese de doutorado “Lógica narrativa: uma análise semântica da linguagem do historiador”, em 1982, o autor vem discutindo as características do texto histórico e suas relações com a realidade, compreendendo-o como uma representação, para isso, lançou mão de um amplo debate com a filosofia da linguagem, caminho mais frutífero para a compreensão da escrita da história do que a teoria literária, já que a história é narrativa, mas não somente isso.

A Editora da UEL traz este debate para o público brasileiro no seu mais recente lançamento A escrita da história: natureza da representação histórica, obra que apresenta uma síntese das discussões desenvolvidas por Ankersmit em diferentes artigos escritos nas últimas décadas e agora fi-

nalmente acessíveis em português. Graças ao trabalho rigoroso e inovador do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Metodologias da História, vinculado Departamento de História e ao Programa de Pós-graduação em História Social da UEL.

Sua obra escapa facilmente a qualquer tentativa de rotulação e apresenta-se como uma importante alternativa possível ao domínio da chamada Virada Linguística, porém, faz isso incorporando contribuições para a reflexão sobre o que produzem os historiadores e não retornando a algum tipo de ingenuidade diante do texto. Muito pelo contrário, para Ankersmit a narrativa histórica tem que estabelecer pontes com a realidade, pois que a escrita da história é também investigação, uma integração (o conceito é aqui um instrumento linguístico que dá forma a massa caótica de dados sobre o passado) e da representação de aspectos do mundo.

Assim, o debate sobre a escrita da história é sua própria condição de possibilidade e não deve resultar na construção de muralhas entre o presente e o passado. Como as reflexões chamadas pós-modernas Para Ankersmit a história é uma organização do conhecimento e a representação histórica mantém sempre algum grau de acesso ao passado. Representar seria então uma operação mais ampla e diferente do que apenas descrever, pois que se dará a acerca da realidade.

O autor assimila os aspectos úteis da reflexão linguística, mas ultrapassa-os, pois que essa trouxe a percepção dos diferentes níveis componentes do texto histórico (descrição, explicação e representação do passado) porém permaneceu somente lendo os textos e deixou de fora os aspectos do passado ali expostos. Com isso não restava mais nada fora do texto. Ficava sem resposta a pergunta sobre o porquê de um texto histórico se adequar mais ao passado que outro? Qual o motivo do sucesso de uma representação? Pois que se uma representação é sempre de algo ausente, a pergunta que deve ser feita a um texto histórico é então como essa narrativa amplia nossa visão presente do passado? Essa proposta também aponta a importância do debate entre os pares, pois que esse se torna um instrumento necessário nos procedimentos da escrita da história. São as diferentes narrativas que articulam a ampliação da nossa compreensão histórica.

Porém, buscando fugir da prisão das grades da linguagem, o autor retoma em um gesto a noção de experiência e busca exprimi-lá. Primeiro ao dialogar com Gadamer, pois que Ankersmit também corrobora com a noção

de que a linguagem viola a experiência, percebe seus conflitos e de que maneira o tornar comunicável é também tornar menos ameaçador. Entretanto, Gadamer não encontrara saída para o transcendentalismo do sujeito moderno (cartesiano) que se mantinha sem contato com o mundo. Transcendentalismo esse, que tornava a noção de experiência um ponto cego na reflexão teórica contemporânea e o qual Frank Ankersmit ira refutar interpretando a noção de experiência, advinda da leitura de Walter Benjamim.

Será através da experiência que o autor aproximará sujeito, linguagem e mundo. A subjetividade seria então a condição sine qua non para a objetividade (lembrando Paul Ricoeur), com isso o espaço dicotômico entre sujeito e objeto, individuo e sociedade, presente e passado, diminui. O passado também está em nós e só tomamos consciência disso ao experienciar a sua ruptura (como nas teses de Walter Benjamim sobre o conceito de história). Nesse sentido é que a representação histórica torna-se possível. A experiência é o contato direto com o passado e que se reconhece pela diferença, na ruptura do que já não somos mais.

Ler torna-se então experienciar o texto, projetar o passado sobre o presente, transbordar o seu drama, ou melhor, sua tragédia, é um jogar com as tradições que envolvem o ato de representar. Para Ankersmit, a experiência é um ataque a tradição, é o que abre espaço para o conflito das interpretações. Da mesma maneira como uma criança é aberta ao mundo e o seu brincar restitui um uso humano das coisas (uma profanação, segundo Agamben), nós historiadores transformamos a experiência do tempo em coerência narrativa.

O melhor instrumento para interpretar o texto seria então a pessoa que nós somos, nos diz Ankersmit, novamente em uma reflexão que dialoga com Ricoeur. Assim a idéia de um re-infantilizar é o jogar com os níveis componentes da escrita da história, ou seja, o texto, a experiência de ler e a representação do significado. O significado seria parte de um processo de leitura e não algo escondido. A representação torna-se o instrumento para dar sentido ao mundo. Confiando na subjetividade e na experiência como condições de possibilidade para a objetividade possível. Pois que ler é uma experiência que atribui significado, olhamos para textos, como diria resumidamente a Virada Linguística, porém a experiência marca esse olhar.

Livros de histórias são assim metáforas, pontes entre linguagem e mundo. Sua representação joga com os sentidos, transgride a linha demarcada e supera a lacuna entre linguagem e realidade. Nos remete as realidades con-

tidas nos aspectos do passado. Uma medição realizada não por uma verdade proposicional a um referente como nas descrições, mas, como ocorre com as metáforas, por adequação representativa (aboutness/tematicidade), ligações com os aspectos do passado, pois as evidências pertencem ao mundo.

Frank Ankersmit retoma a história como um valor cultural relevante para a contemporaneidade, essa última percebida como lugar de uma cultura fechada em si mesma, sem contato com o mundo e em uma constante ruptura com qualquer tipo de legado, num momento como esse a escrita da história é importante, pois que são nas rupturas que se tem a experiência do passado como diferença. E esse é um terreno aberto para a ampliação da investigação histórica.

Ainda imerso nessa contemporaneidade, o autor se pergunta: Tornou-se impossível um trabalho original? Seremos todos epígonos, discípulos, de nossos predecessores? A existência das reflexões contidas na obra de Frank Ankersmit respondem negativamente a esses dois questionamentos, pois a sua leitura é uma experiência que amplia e transforma nossos horizontes por sua originalidade, dimensão e urgência.

Recebido em: 01 de Outubro de 2012.

Aprovado em: 14 de Outubro de 2012.